

# PLANO DE AULA

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA**  
**DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE**  
**SETOR DE PLANEJAMENTO**  
**PLANO DE AULA N.º 6**  
**1º CICLO DE JUVENTUDE (15 A 17 ANOS)**

**V UNIDADE: O ESPIRITISMO**

**SUBUNIDADE: PRINCÍPIOS BÁSICOS DA DOCTRINA ESPÍRITA**  
**♦ COMUNICABILIDADE DOS ESPÍRITOS**

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Identificar o papel do perispírito nas comunicações.</li> <li>* Descrever formas de comunicação entre os encarnados e os desencarnados.</li> <li>* Analisar a influência que os Espíritos desencarnados exercem sobre os homens.</li> <li>* Relacionar atitudes que possibilitem manter a sintonia com os Espíritos Superiores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* "(...) O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos conosco (...)." (18)</li> <li>* "Todos os Espíritos, em todas as circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; indefinido é o número dos que podem comunicar-se." (16)</li> <li>* "Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes." (17)</li> <li>* "As entidades desencarnadas possuem determinado teor vibratório, que constitui o balizamento de suas percepções. Assim, as que se situam em determinado nível não se apercebem da presença daquelas que estão em nível superior."</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Iniciar a aula propondo uma atividade intitulada <i>Jogo da Caixa-xínia</i>, com o objetivo de discutir a comunicação entre as pessoas. Anexo 1</li> <li>* Após essa atividade, comentar com o grupo as dificuldades no processo de comunicação, listando-as no quadro de giz.</li> <li>* Pedir a um evangelizando que esquematize no quadro de giz, o processo de comunicação conforme o seu entendimento.</li> <li>* Tecer comentários a respeito do trabalho do aluno e explicar como se realiza o processo de comunicação seguindo as orientações do anexo 2.</li> <li>* A seguir perguntar:               <ul style="list-style-type: none"> <li>— O processo de comunicação aqui descrito é semelhante ao utilizado no intercâmbio mediúnico? Como os Espíritos se comunicam com os encarnados?</li> <li>— Qual o papel do perispírito nas comunicações?</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Realizar a atividade proposta como motivação da aula.</li> <li>* Oferecer opiniões sobre as dificuldades do processo de comunicação.</li> <li>* Responder à pergunta feita.</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>TÉCNICAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Exposição participativa.</li> <li>* Comentário.</li> <li>* Leitura</li> <li>* Estudo em grupo.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>RECURSOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Caixa com objetos.</li> <li>* Esquemas, textos e roteiro.</li> <li>* Perguntas para o estudo em grupo.</li> <li>* Quadro de giz.</li> </ul>

**AVALIAÇÃO: A AULA SERÁ CONSIDERADA SATISFATORIA SE OS EVANGELIZANDOS RESPONDEREM ADEQUADAMENTE ÀS QUESTÕES DO ESTUDO E COMENTAREM COM PROPRIEDADE AS NARRATIVAS, PARTICIPANDO COM INTERESSE E ORDEM DAS DEMAIS ATIVIDADES.**

CONT. DO PLANO DE AULA Nº. 6 DA V UNIDADE: O ESPIRITISMO

1º CICLO DE JUVENTUDE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
	<p>* Influem os Espíritos em nossos pensamentos e atos?                      Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem." (13)</p>	<p>* Dizer-lhes que no estudo de hoje, iremos descrever as formas de comunicação dos Espíritos e a influência que exercem sobre os homens.                      * A seguir, dividi-los em grupos, pedindo-lhes que respondam às questões do anexo 3.                      * Coordenar a apresentação das conclusões dos grupos, dirimindo dúvidas e reforçando os conceitos corretos que forem emitidos.                      * Ler então para a turma os dois casos propostos no anexo 4 e comentá-los de acordo com o seguinte roteiro:                      A. Nesses dois casos, os Espíritos conseguiram seu intento?                      B. Por que motivo um espírito encarnado cede às influências de um desencarnado?                      C. O que devemos fazer para nos resguardar das más influências?                      * Aplicar a atividade prevista no anexo 5 para fechamento da aula comentando com os alunos as formas de comunicação com os Espíritos e a influência que exercem sobre nossa vida.</p>	<p>* Situar-se no assunto da aula, predispondo-se à discussão.                      * Dividir-se em grupos para o estudo dirigido.                      * Ouvir a narrativa dos dois casos, comentando-os adequadamente, de acordo com o roteiro.                      * Participar da atividade final.</p>	<p><b>Obs.:</b> O evangelizador deverá estudar o anexo 6 -- Subsídios para o evangelizador para bem conduzir a aula.</p>

# ANEXO 1

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

## *Jogo da Caixinha*

**Material:** Uma caixinha de papelão com tampa, contendo um objeto.

**Desenvolvimento:**

- ◆ O evangelizador mostra para um dos participantes o que contém dentro da caixinha, levando-a perto do aluno escolhido.
- ◆ O conteúdo deverá ser observado com atenção e a seguir, este irá comunicar aos demais alunos qual é o objeto que está dentro da caixa, somente usando a mímica.
- ◆ Os demais deverão tentar descobrir qual é o objeto. Caso não consigam, repetir o processo com outro aluno e assim por diante.
- ◆ Ao final, o evangelizador fará uma analogia entre a mímica e as dificuldades no processo de comunicação, entrando assim no tema da aula.

⊥ ⊥ ⊥

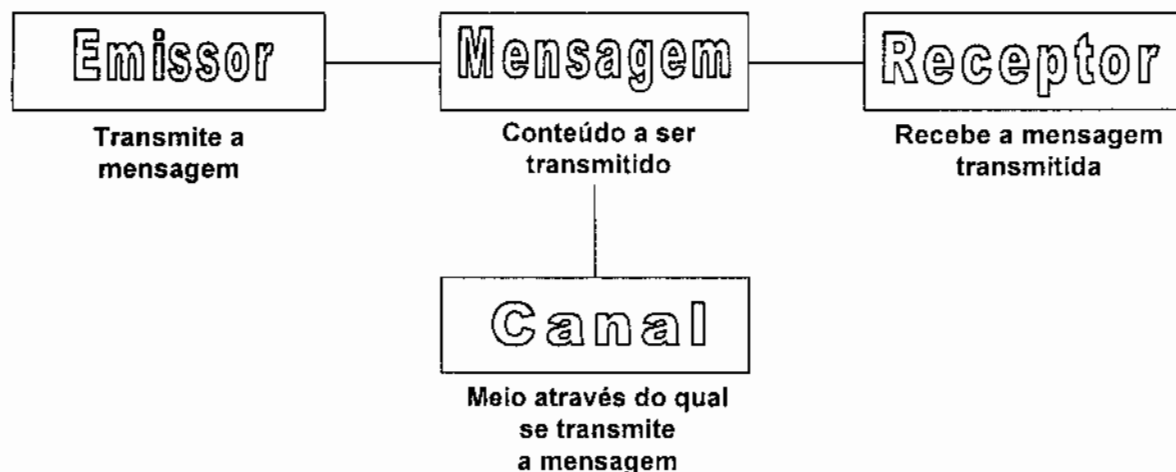
(\*) YOZO, Ronaldo Yudi K. *100 Jogos para grupos: uma abordagem psicossomática para empresas, escolas e clínicas*. São Paulo: ed. Ágora, 7. ed. 1996, cap. 61. p. 108.

## ANEXO 2

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6  
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

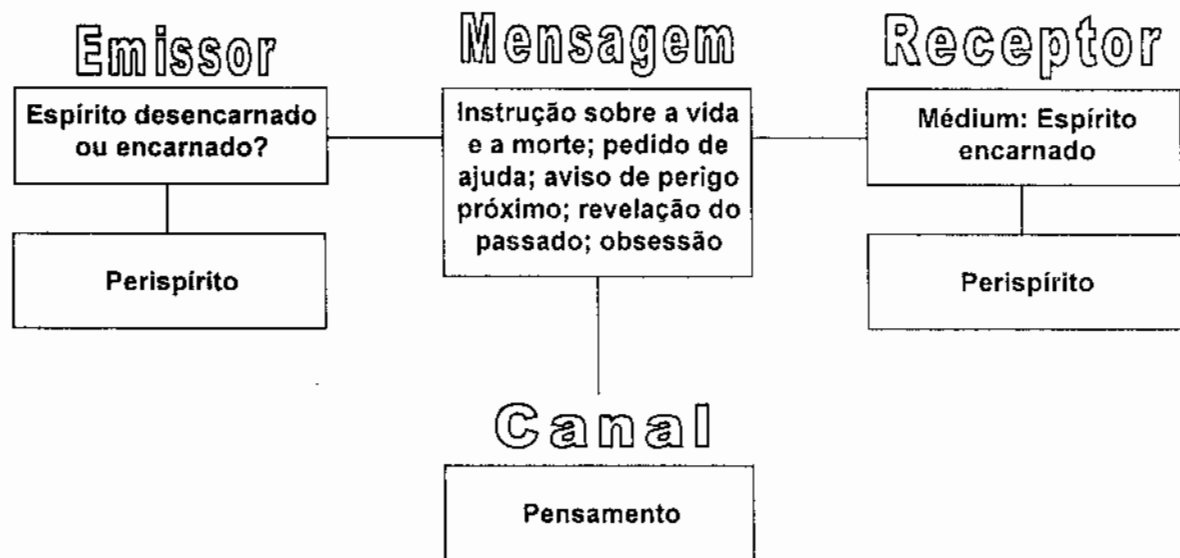
**Comunicar** — É tornar comum compreensível fatos, idéias, pensamentos, através de um meio qualquer.

Os estudiosos da comunicação, após várias pesquisas, conseguiram determinar seus elementos essenciais, isto é, aquilo sem o qual a comunicação não ocorre.



Só se pode dizer que houve *Comunicação* quando o receptor percebe a mensagem e a compreende. No caso de duas pessoas que conversam, elas são, alternadamente, emissor e receptor; a mensagem é o conteúdo da conversa e o canal é a fala.

No caso da comunicação entre encarnados e desencarnados, o esquema também é válido.



## ANEXO 3

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

### Estudo em Grupo

Distribuir as questões abaixo, solicitando aos alunos que após sua análise e discussão, respondam a elas de modo a sintetizar a opinião do grupo.

- ◆ O que os Espíritos encarnados e os desencarnados têm em comum?
- ◆ Qual dos três elementos citados no processo de comunicação, anteriormente referidos, oferecem maior possibilidade de comunicação entre encarnados e desencarnados?
- ◆ Explique a afirmativa abaixo, feita a Kardec em uma comunicação e transcrita d'O Livro dos Médiuns, cap. IV, item 51: "O perispírito (...) é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente pela vossa alma (...)".
- ◆ Os Espíritos se comunicam conosco somente através de médiuns? Explique.

## ANEXO 4

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

### Texto para o Evangelizador

No livro *Sexo e Destino*, André Luiz nos relata várias situações em que os Espíritos interferem nos acontecimentos referentes aos encarnados, seja benéfica ou prejudicialmente. Destacamos duas entre elas.

Na primeira, vemos um companheiro encarnado que, influenciado por dois espíritos inferiores que lhe habitavam a casa, cede ao desejo da bebida.

#### CASO 1

*Detínhamo-nos, curiosos, na inspeção, quando sobreveio o inopinado.*

*Diante de nós, ambos os desencarnados infelizes, que surpreendêramos à entrada, surgiram de repente, abordaram Cláudio e agiram sem cerimônia.*

*Um deles bateu-lhe um dos ombros e gritou, insolente:*

*— Beber, meu caro, quero beber!*  
(...)

*A voz escarnecedora agredia-nos a sensibilidade auditiva. Cláudio, porém, não lhe pescava o mínimo som. Mantinha-se atento à leitura. Inalterável. Contudo, se não possuía tímpanos físicos para qualificar a petição, trazia na cabeça a caixa acústica da mente sintonizada com o apelante.*

*O obsessor inconveniente repetiu a solicitação, algumas vezes, na atitude do hipnotizador que insufla o próprio desejo, reasseverando uma ordem.*

*O resultado não se fez demorar. Vimos o paciente desviar-se do artigo político em que se entranhava. Ele próprio não explicaria o súbito desinteresse de que se notava acometido pelo editorial que lhe apressara a atenção*

*Beber! Beber!...*

*Cláudio abrigou a sugestão, convicto de que se inclinava para um trago de uísque exclusivamente por si.*

*O pensamento se lhe transmutou, rápido, como a usina cuja corrente se desloca de uma direção para outra, por efeito da nova tomada de força.*

*Beber, beber!... e a sede de aguardente se lhe articulou na idéia, ganhando forma. A mucosa pituitária se lhe aguçou, como que mais fortemente impregnada do cheiro acre que vagueava no ar. O assistente malicioso coçou-lhe brandamente os gorgomilos. O pai de Marina sentiu-se apoquentado. Indefinível secura constringia-lhe o laringe. Ansiava tranquilizar-se.*

*O amigo sagaz percebeu-lhe a adesão tácita e colou-se a ele. De começo, a carícia leve; depois da carícia agasalhada, o abraço envolvente; e depois do abraço de profundidade, a associação recíproca. (...)*

*Levantaram-se a um tempo e giraram integralmente incorporados um ao outro, na área estreita, arrebatando o delgado frasco.*

*Não conseguiria especificar, de minha parte, a quem atribuir o impulso inicial de semelhante gesto, se a Cláudio que admitia a instigação ou se ao obsessor que a propunha.*

*A talagada rolou através da garganta, que se exprimia por dualidade singular. Ambos os dipsômanos estalaram a língua de prazer, em ação simultânea.*

*Desmanchou-se a parelha e Cláudio, desembaraçado, se dispunha a sentar, quando o outro colega, que se mantinha, investiu sobre ele e protestou: "eu também, eu também quero!"*

*Reavivou-se-lhe no ânimo a sugestão que esmorecia.*

*Absolutamente passivo diante da incitação que o assaltava, reconstituiu, mecanicamente, a impressão de insaciedade.*

*Bastou isso e o vampiro, sorridente, apossou-se dele, repetindo-se o fenômeno da conjugação completa. (...)*

Na segunda, observamos um farmacêutico responsável que, recebendo as boas sugestões do instrutor espiritual Félix, salva uma jovem do suicídio.

## CASO 2

*O senhor Salomão, velhinho calmo e complacente, em cujo olhar se adivinhava a brandura dos que se fazem servidores espontâneos da Humanidade nos encargos que exercem, acolheu-a, solícito.*

*Ocultando os intentos recônditos, a recém-chegada falou-lhe do resfriado. Afirmou sentir dores, vertigens. O boticário, de modos antigos, habituado ao ofício a representar-se de médico para os amigos, nos casos sem maior importância, pediu-lhe mostrasse a língua. Examinou-a com a prática de muito anos, ao pé de enfermos, sem achar motivo de preocupação. Aplicou o termômetro. Nenhuma febre.*

*Sorriu, paternal, e aconselhou-a a ir para a casa, descansar. Não deveria aceitar serviço extra, até aquela hora da noite, comentou bonachão, e acrescentou que ela facilmente encontraria remédios para comprar, mas não a saúde. Indicou-lhe aspirina para a nevralgia, que supunha em ação, e... repouso.*

*A jovem recolheu os medicamentos, fez o gesto de quem se inclinava a retirar-se, satisfeita, e voltou à car-*

*Efetuada-se a ocorrência na base da percussão. Apelo e resposta. Cordas afinadas no mesmo tom. O desencamado alvitrava, o encamado aplaudia. Num deles, o pedido; no outro, a concessão.*

*Condescendendo em ilaquear os próprios sentidos, Cláudio acreditou-se insatisfeito e retrocedeu, sorvendo mais um gole.*

*Não me furtei à conta curiosa. Dois goles para três.*

*Novamente desimpedido, o dono da casa estirou-se no divã e retomou o jornal. (...) (1)*

*ga, aparentando recordar uma providência esquecida.*

*— Salomão — disse com decidida curiosidade a transparecer-lhe da voz —, não sei se você está lembrado de "Jóia", a minha velha cadelinha, que os meninos algumas vezes abraçaram na praia...*

*— Como não? Aquela inteligência de animal, brincando de esconder!... Até hoje, os netos imitam o andar de gatinhas que ela inventou...*

*— Pois é — prosseguiu Marita, afetando pena —, nossa pequena "Jóia" está no fim...*

*— Que foi?*

*— O veterinário explicou, mas não guardei o nome da moléstia, doença incurável. Grita sem pausa, um martírio.*

*Continuando, falou para Salomão que o bichinho se tornara problema no apartamento. O síndico reclamava várias vezes. Vizinhos andavam contra feitos. Os pais aguardavam que o veterinário amigo voltasse de São Paulo, a fim de que se aplicasse a eutanásia; entretanto, haviam autorizado tanto a ela, quanto à irmã, o emprego de algum remédio que pudesse trazer o descanso*

final. “Jóia” estava abatida, gasta. Lamentava perdê-la, fora-lhe companheira, no Flamengo, desde quando se ausentara da escola, simples menina. Ainda assim, aditava, era preciso enfrentar os fatos e poupar ao animalzinho maiores sofrimentos. Não teria o amigo algumas pílulas adequadas? Ouvira referências a comprimidos que, administrados em dose alta, propiciavam a morte, absolutamente sem dor, no entanto, não lhes conhecia o nome.

O farmacêutico, sem qualquer prevenção, confirmou. Sim, talvez tivesse no estoque alguns desses anestésicos de elevada potência e salientou que se a cadelinha fora condenada pelo veterinário não deveria ser conservada.

Convencido pelas informações reiteradas da moça, dirigiu-se a pequeno depósito, procurando, procurando...

Nisso, Félix e eu abordamo-lo, mentalmente.

O paternal benfeitor rogou-lhe examinasse a situação. Fitasse aquela menina, assim fatigada e só, além das dez horas da noite, longe de casa. Despenhada, olheiras fundas, sem bolsa, sem agasalho. Ele também, Salomão, era pai e avô sensível. Não desse orientação em torno de venenos. Tivesse cuidado. Sossegasse aquela criança abatida com algum soporífero, fazendo-a admitir que levava o agente letal. Mentisse por piedade, mostrasse compaixão, adiando entendimento mais claro para depois.

Aquele homem, com toda a certeza, se agrisalaria em rudes experiências para adquirir a sensibilidade aguçada com que nos assimilou os apelos, porque, de imediato, se enterneceu. Voltou-se, discretamente, para o balcão e mirou a freguesa, pela porta semicerrada, espantando-se ao

vê-la, num instante como aquele em que não supunha observada.

Maria afigurou-se-lhe uma peça do museu de cera, amarrotada inerte. Somente os olhos, embora parados, se evidenciaram ativos, em razão das lágrimas copiosas.

“Oh! meu Deus — refletiu ele, desconsolado —, isso não é coriza, isso é dor moral, dor terrível!...”

Salomão renunciou à pesquisa iniciada e sacou de largo recipiente de vidro alguns sedativos comuns e tomou-lhe à presença. Fingiu despreocupação e apresentou-lhe os comprimidos, asseverando:

— São estes. Para a cachorrinha, no estado de que você fala, basta um.

— Tão violento assim? — perguntou a jovem, diligenciando reanimar-se.

— Isso é uma bomba de aplicação muito rara, aparentando-lhe embaído, para angariar-lhe a confiança, o boticário paternal alegou, porém, que só forneceria ante a receita médica. A responsabilidade pesava-lhe, muito grande.

Ela, contudo, insistiu. Que o farmacêutico não duvidasse. O veterinário assumiria o papel. Consultou se poderia adquirir dez unidades. Melhor agir na certa. Não agüentava mais os gemidos ao pé do leito.

Salomão refletiu, refletiu... Voltou ao depósito e escolheu dez comprimidos calmantes, de potencialidade suave. Se ingeridos por ela, funcionariam benéficamente, prodigalizando-lhe sono reparador.

Marita agradeceu e despediu-se.

Salomão recomendou-lhe repouso, juízo. (...) (2)

#### Glossário

Transmudou - alterou, transformou, mudou.

Apoquentado - aborrecido, preocupado, aflito, aperreado

Aviltante - desvalorizar-se, humilhar-se, rebaixar-se

Dipsômanos - alcoólatra

Ilaquear - enganar, lograr, embaraçar, embair

Embaído - enganado, iludido, seduzido

#### BIBLIOGRAFIA

1. XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Sexo e Destino*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2001. p. 52-55.

2. Op. cit., p. 164-167.



## ANEXO 5

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

### Reflexão Individual

Você já concluiu que poderemos ceder a boas ou más influências do plano espiritual, de acordo com os pensamentos e atitudes que cultivamos.

Refleta, então, sobre as questões abaixo, procurando ser o mais sincero possível.

- a) De que natureza costumam ser seus pensamentos e atitudes?
- b) Com que você se preocupa habitualmente?
- c) Está satisfeito com esse tipo de preocupações?  
Acha que elas estão atraindo boas influências?
- d) Relacione aqui providências que você precisa tomar para se manter mais em contato com o plano espiritual superior.

*Nota para o evangelizador:*

Se houver facilidade de reprodução, dar a cada evangelizando uma folha para trabalho individual; se não houver, ler as questões uma a uma, dando um prazo para a resposta.

Comentar com os alunos apenas a questão D, para que as sugestões sejam aproveitadas por todos. As demais questões, como são de ordem pessoal, dispensam comentários.

## ANEXO 6

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6  
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

"(...) As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e tornaram patentes a todos. (...)" (1)

### **Influência Oculta dos Espíritos em nossos Pensamentos e Atos**

459. *Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?*

"Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem."

460. *De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos?*

"Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, freqüentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas idéias a se combaterem."

461. *Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?*

"Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade."

462. *É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas idéias?*

"Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de outras muitas, lhes são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação."

Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos. Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim aconteça.

463. *Diz-se comumente ser sempre bom o primeiro impulso. É exato?*

"Pode ser bom, ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende às boas inspirações."

464. *Como distinguiremos ser um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau?*

"Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.

465. *Com que fim os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?*

"Para que sofraís como eles sofrem."

a) — *E isso lhes diminui os sofrimentos?*

"Não; mas fazem-no por inveja, por não poderem suportar que haja seres felizes."

b) — *De que natureza é o sofrimento que procuram infligir aos outros?*

"Os que resultam de ser de ordem inferior a criatura e de estar afastada de Deus."

466. *Por que permite Deus que Espíritos nos excitem ao mal?*

"Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queiras o mal, podem eles ajudar-te para a prática do mal. Se fores propenso ao assassinio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no íntimo esse pendor. Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos."

É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devamos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. *Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?*

"Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem."

468. *Renunciam às suas tentativas os Espíritos cuja influência a vontade do homem repele?*

"Que querias que fizessem? Quando nada conseguem, abandonam o campo. Entretanto, ficam à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato."

469. *Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?*

"Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: "Senhor! não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal."

470. *Os Espíritos, que ao mal procuram induzir-nos e que põem assim em prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo missão? E, se assim é, cabe-lhes alguma responsabilidade?*

“A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal. Aquele que o faz fá-lo por conta própria, sujeitando-se, portanto, às conseqüências. Pode Deus permitir-lhe que assim proceda, para vos experimentar; nunca, porém, lhe determina tal procedimento. Compete-nos, pois, repeli-lo.”

471. *Quando experimentarmos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física?*

“É quase sempre efeito das comunicações em que inconscientemente [em contato] com os Espíritos, ou da que com eles tivestes durante o sono.”

472. *Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las?*

“Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali. Mas, eles podem inspirar ao homem a idéia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.” (2)

## **O perispírito como princípio das manifestações**

*Os Espíritos, como já foi dito, têm um corpo fluídico, a que se dá o nome de perispírito. Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo, conforme os mundos e o grau e depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta.*

*Durante a encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito, sendo-lhe o corpo apenas um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado aos fenômenos a que tem de prestar-se e do qual o Espírito se despoja por ocasião da morte.*

*O perispírito serve de intermediário ao Espírito e ao corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações. Relativamente às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa.*

*O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contacto corporal, podem achar-se em contacto pelos seus perispíritos e permutar a seu grado impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição.*

*Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos*

fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las.

Por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos. Sua natureza etérea não é que a isso obstaria, pois se sabe que os mais poderosos motores se nos deparam nos fluidos mais rarefeitos e nos mais imponderáveis. Não há, pois, motivo de espanto quando, com essa alavanca, os Espíritos produzem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de toda espécie, levantamento, transporte ou lançamento de objetos. Para explicarem-se esses fatos, não há porque recorrer ao maravilhoso, nem ao sobrenatural.

Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música, etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens.

Podem ser espontâneas ou provocadas as manifestações dos Espíritos. As primeiras dão-se inopinadamente e de improviso. Produzem-se, muitas vezes, entre pessoas de todo estranhas às idéias espíritas. Nalguns casos e sob o império de certas circunstâncias, pode a vontade provocar as manifestações, sob a influências de pessoas dotadas, para tal efeito, de faculdades especiais.

As manifestações espontâneas sempre se produziram, em todas as épocas e em todos os países. Sem dúvida, já na antiguidade se conhecia o meio de as provocar; mas, esse meio constituía privilégio de certas castas que somente a raros iniciados o revelavam, sob condições rigorosas, escondendo-o ao vulgo, a fim de o dominar pelo prestígio de um poder oculto. Ele, contudo, se perpetuou, através das idades até aos nossos dias, entre alguns indivíduos, mas quase sempre desfigurado pela superstição, ou de mistura com as práticas ridículas da magia, o que contribuiu para o desacreditar. Nada mais fora até então senão germens lançados aqui e ali. A Providência reservara para a nossa época o conhecimento completo e a vulgarização desses fenômenos, para os expurgar das ligas impuras e torná-los úteis ao melhoramento da Humanidade, madura agora para os compreender e lhes tirar as conseqüências. (3)

## BIBLIOGRAFIA

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998. Prolegômenos, (4 §), p. 48.
2. Op. cit., perg. 459-472, p. 246-249.
3. \_\_\_\_\_. *Manifestações dos Espíritos. Obras Póstumas*. Trad. de Guillon Ribeiro. 29. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1999. Itens 09-15, p. 35-37.

Transcrevemos a seguir, a título de subsídios, o texto de José Náufel, do livro do ABC ao Infinito, extraído das páginas 7 a 9.

11. Temos assim que o ser humano é constituído, na ordem crescente de densidade, da seguinte forma: a) o *Espírito propriamente dito*, constituído pelo *Espírito-centelha*, e pela *mente*; b) o corpo mental; c) o *corpo espiritual*, compreendendo o *perispírito propriamente dito* e o *duplo etérico*; e, d) o *corpo somático*, ou corpo físico.

12. O corpo físico é temporário, porquanto, ao fim do período encarnatório, se extingue pela morte e se decompõe; suas partículas atômicas voltam a integrar-se na Natureza e vão formar novos corpos, orgânicos ou inorgânicos.

O *duplo-etérico* normalmente acompanha o corpo físico e, juntamente com este, é inumado, cremado ou jogado ao mar. Em determinados casos, quando a alma é muito apegada às coisas materiais, ele continua, por algum tempo, agregado ao *corpo psicossomático* (denominação do corpo espiritual após a morte), até que haja suficiente evolução espiritual para que se desprenda e volte à matéria disseminada na crosta planetária.<sup>(\*)</sup>

13. O *perispírito propriamente dito*, algo modificado na sua estrutura eletromagnética e transformado em *corpo psicossomático*, continua ligado ao corpo mental e passa a constituir o novo veículo físico do Espírito (expressão corpórea), enquanto este continuar, encarnado ou errático, no nosso planeta.

Se o Espírito passar a outro mundo, superior ou inferior, <sup>(\*\*)</sup> muda de envoltório, revestindo-se de novo perispírito, tecido com o fluido universal peculiar ao respectivo globo. Na sua caminhada ascensional, esse envoltório vai sendo substituído por outro (sempre que passa de um mundo a outro mais elevado), cada vez mais etéreo, mais quintessenciado, mais diáfano e luminoso.

14. A esse propósito, lê-se na Questão 186 d' *O Livro dos Espíritos*:

186. *Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?*

"Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros."

É de supor-se, portanto, que, atingindo o ser a condição de Espírito puro, e respectivo perispírito seja tão etéreo que não se distinga mais do corpo mental. Pelo menos a sua "bagagem" vai-se unificando e homogeneizando, de modo a transformar-se num todo uniforme. Os centros da memória perispiritual, por exemplo, deixarão de ter departamentos estanques, relativos à memória pretérita e à memória atual, para transformar-se numa memória única e plena.

Não mais haverá também *inconsciente*, *subconsciente* e *consciente*. Todas essas "camadas psíquicas" — expressão que usamos à falta de palavras próprias no nosso vocabulário — vão-se transferindo paulatinamente, na medida da evolução, para o

(\*) Não se veja aqui qualquer restrição ao que Allan Kardec ensina n' *O Livro dos Espíritos*, porquanto o perispírito é efetivamente intermediário entre o Espírito e o corpo físico. A época, ainda não havia sido revelada a existência do corpo mental. A omissão desse detalhe, só posteriormente conhecido, não infirma a tese. Kardec não falou também em *duplo etérico*, que somente mais tarde foi estudado, como integrante do perispírito.

(\*\*) O Espírito não retrograda quanto à sua condição intrínseca, mas pode ser mandado para um mundo inferior, compatível com sua natureza rebelde, por ocasião da chegada de novos tempos, isto é, quando o mundo que habitava passa a uma categoria superior na escala cósmica. (V. LE, 178, a e b.)

corpo mental e, deste para o Espírito-centelha, a ele incorporando-se definitivamente, quando alcançada a perfeição relativa.

É óbvio que o corpo mental, cuja natureza não é transitória como a do corpo espiritual, mas sim, parte integrante e permanente do Espírito propriamente dito, passa por evolução análoga à do corpo espiritual, porém, em grau maior.

Ao fim da escalada evolutiva, alcança-se a plenitude da mente e a consciência integral do Espírito puro, no plano angélico do eterno presente. (1)

Prosseguindo, citaremos trechos das páginas 15 a 17 da mesma obra

De acordo com a natureza das partículas postas em ação, quer em virtude de seus elétrons saltarem de órbitas, quer pela simples excitação dos seus núcleos, os átomos estão sempre irradiando, produzindo ondas, que podem ser de som, luz, calor, rádio, etc.

Tudo depende da frequência, ou seja, do número de oscilações por segundo e das combinações que operam. Conforme se manifestem esses fatores, teremos ondas luminosas, ou ondas elétricas, ondas caloríficas, ondas magnéticas, ondas de rádio, ondas de raio X, e assim por diante.

As ondas decorrem de movimento, de agitação. A vida é sinônimo de agitação. E essa agitação se faz desde a intimidade do átomo, nos deslocamentos contínuos dos elétrons, no sistema atômico, gravitando, não em órbitas circulares ou elípticas, mas, aos saltos, em torno do núcleo.

Nós vivemos imersos num oceano de ondas. Estamos sempre produzindo-as, vendo-as e percebendo-as, de acordo com as potencialidades do nosso aparelho sensorial e do nosso campo mental.

Se atirmos uma pedra num lago, veremos formarem-se pequenas ondas concêntricas na superfície da água. Se olharmos o mar, veremos as ondas agigantando-se em tamanhos variados. Com uma lanterna, provocamos a emissão de ondas luminosas. Acendendo a boca de um fogão, ou o aquecedor do banheiro, provocaremos a formação de ondas caloríficas. Quando falamos, emitimos ondas sonoras, e assim por diante.

“E o homem, colocado nas faixas desse imenso domínio, em que a matéria quanto mais estudada mais se revela qual feixe de forças de temporária associação, somente assinala as ondas que se lhes afinam com o modo de ser.

Temo-lo, dessa maneira, por viajante do cosmo, respirando num vastíssimo império de ondas que se comportam como massa ou vice-versa, condicionado nas suas percepções, à escala do progresso que já alcançou, progresso esse que se mostra sempre acrescentado pelo patrimônio de experiência em que se gradua, no campo mental que lhe é característico, em cujas dimensões revela o que a vida já lhe deu, ou tempo de evolução, e aquilo que ele próprio já deu à vida, ou tempo de esforço pessoal na construção do destino. Para a valorização e enriquecimento do caminho que lhe compete percorrer, recebe dessa mesma vida, que o acalenta e a que deve servir, o tesouro do cérebro, por intermédio do qual exterioriza as ondas que lhe marcam a individualidade, no concerto das forças universais, e absorve aquelas com as quais pode entrar em sintonia, ampliando os recursos do seu cabedal de conhecimento, e das quais se deve aproveitar, no aprimoramento intensivo de si mesmo, no trabalho da própria sublimação.\*

\* André Luiz, na ob. cit., pp. 23 e 24.

Noutras palavras, o homem está situado em meio a ondas de todas as espécies. Mas, ele só faz a percepção daquelas em relação às quais possui o necessário potencial, de acordo com a graduação do seu campo mental, condicionada à evolução espiritual que já tiver alcançado. O seu cérebro, dádiva divina, é o aparelho receptor das ondas com as quais pode sintonizar e, ao mesmo tempo, emissor das ondas produzidas pelo seu pensamento, e das que é capaz de exteriorizar do acervo dos conhecimentos que armazenou e das conquistas éticas já realizadas.

Assim, a faculdade mediúnica depende também de todos os fatores mencionados, tipificando-se de acordo com as peculiaridades mento-cerebrais de cada médium, nas variadas expressões que manifestam.

As percepções sensoriais variam de espécie para espécie e, mesmo no homem, podem ser diferentes de um indivíduo para outro. As deficiências orgânicas diminuem a acuidade dos sentidos. A miopia, o astigmatismo, a catarata e outros problemas patológicos ou constitucionais do aparelho óptico comprometem a acuidade visual. O mesmo pode ocorrer com a audição, que pode ser diminuída e até suprimida. O tato pode ser igualmente prejudicado, assim como o olfato e o paladar.

Mas, mesmo nas pessoas consideradas normais, há limites nítidos das percepções. (...) (2)

Examinemos agora o pensamento contido nas páginas 20 a 22 da mesma obra

1. *Mediunidade* é a faculdade genérica de pôr-se em comunicação com Espíritos, desencarnados ou encarnados, captar-lhes o pensamento, ou sofrer-lhes a influência, ou ainda, a faculdade específica de servir de mediano (instrumento) às comunicações espíritas.

Nesta definição, procuramos abranger o conceito de mediunidade nos seus vários aspectos, no geral e no específico, e nos desdobramentos deste.

No *Vocabulário Espírita*, encontrado no final d' *O Livro dos Médiuns*, Kardec não define *mediunidade*, mas registra este verbete, fazendo remissão à *mediunidade*, que dá como seu sinônimo, conceituando este termo como "faculdade dos médiuns."

Dai termos de ir ao verbete *médium*, onde encontramos a definição: "Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens."

2. Kardec estuda a mediunidade, nos seus vários aspectos, a partir do capítulo XIV d' *O Livro dos Médiuns*. Ali, começa por definir:

"Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium."

Esse conceito corresponde à *mediunidade generalizada*, ou seja, à que é inerente a todos os homens.

Isso se torna patente quando ele prossegue:

"Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns."

Essa afirmativa está em plena concordância com as Questões 459 a 472 d' *O Livro dos Espíritos*, agrupadas no tópico cujo título é: *Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos*, das quais transcrevemos as duas primeiras:

459. *Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?*

"Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem."



460. *De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos?*

“Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, freqüentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura, os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas idéias a se combaterem.”

3. Vê-se, assim, que existe uma *mediunidade generalizada*, encontrada em todos os homens, em maior ou menor grau. Nós somos Espíritos encarnados e, por isso, a mediunidade é inerente à nossa própria natureza. É natural que continuemos ligados, de certa forma, ao plano espiritual. É através da mediunidade generalizada que recebemos a influência e as intuições do nosso anjo da guarda e dos demais protetores. É verdade ser também através dela que sofremos as más influências dos Espíritos inferiores, se não observarmos o preceito crístico “orai e vigiai”.

Vimos, no texto anterior, que o homem vive imerso num oceano de ondas. Seu pensamento produz vibrações que, por sua vez, dão origem a outras ondas. Funcionamos como receptores e emissores delas.

A mediunidade generalizada varia de indivíduo para indivíduo, sendo uns mais sensíveis do que outros. Essa variação depende da maior ou menor espiritualização de cada um. Aquele que está mais apegado à matéria possui menor sensibilidade, ao passo que o que dela já está mais ou menos desprendido é mais susceptível de manter silenciosa comunicação com o mundo dos Espíritos.

A esse respeito, ensina Emmanuel:

“Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos cinco sentidos.” (3)

⊥   ⊥   ⊥

#### BIBLIOGRAFIA

1. Náufel, José. *Do ABC ao Infinito*. 2. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998. p. 7 a 9, vol. 4
2. \_\_\_\_\_, p. 15 a 17.
3. \_\_\_\_\_, p. 20 a 22.